

DO REGIONALISMO AO MODERNISMO: O CASO “ROMANCISTAS DO NORDESTE”

André MACEDO¹

Recebido: 02/10/2024
Aprovado: 10/11/2025

Resumo

O objetivo do artigo é abordar, em livros didáticos, o momento-chave da passagem do regionalismo ao modernismo no caso dos “romancistas do nordeste”. Graciliano Ramos, José Lins do Rego e Jorge Amado eram considerados, nas primeiras aparições em livros didáticos, como “romancistas do nordeste”. Houve um processo de recepção de suas obras – tanto por parte da crítica literária quanto das exposições em livros didáticos – que passou a considerá-las, a partir da década de 1970, como segunda fase da prosa modernista. Buscamos, aqui, esclarecer esse processo que é, ao mesmo tempo, literário e escolar.

Palavras-chave: romancistas do nordeste; prosa modernista; ensino de literatura

FROM REGIONALISM TO MODERNISM: THE CASE OF "NOVELISTS FROM THE NORTHEAST"

Abstract

The aim of this paper is to approach, in textbooks, the key moment in the transition from regionalism to modernism in the case of “novelists from the northeast”. Graciliano Ramos, José Lins do Rego and Jorge Amado were considered, in their first appearances in textbooks, as “novelists from the northeast”. There was a process of reception of their works – both by literary critics and by explanations in textbooks – that began to consider them, from the 1970s onwards, as the second phase of modernist prose. Here we intend to clarify this process that is, at the same time, literary and educational.

Keywords: “novelists from the northeast”; modernist prose; teaching of literature

Introdução

Partimos de uma indagação: como as obras literárias de Graciliano Ramos, José Lins do Rego e Jorge Amado foram, ao longo do tempo, abordadas nos livros didáticos da disciplina de Português no ensino médio?

Para responder a indagação, primeiramente, verificamos que, antes dos anos 1970, as obras dos então chamados “romancistas do nordeste” eram apenas mencionadas nos livros didáticos com essa classificação. Em segundo lugar, constatamos que houve, a partir dos anos 1970, um momento-

¹ Professor Adjunto da Universidade Federal do Pará (UFPA), Campus de Breves. <https://orcid.org/0000-0002-7923-4111>.

MACEDO, André. Do regionalismo ao modernismo: o caso “romancistas do Nordeste”. In: Revista **Falas Breves**, no.14, Breves-PA, junho de 2026. ISSN 23581069

chave de indefinições e reconfigurações que encaminhou a passagem do critério espacial (regionalismo) para o critério temporal (segunda fase da prosa modernista).

Sendo assim, aqui focamos esse momento-chave de um processo que é, ao mesmo tempo, literário e escolar. As referências são Choppin (2004, 2002), Chervel (1990) e Lajolo (2005, 1988, 1975).

Os títulos didáticos e os perfis dos autores

Três títulos didáticos com ampla difusão nos anos 1970 caracterizavam-se por indefinições e reconfigurações. De Jacob Milton Benemann e Luiz Agostinho Cadore, *Estudo Dirigido de Português*, em 3 volumes, publicado pela editora Ática, é um deles. Lançados a partir de 1972, os volumes somaram, em 1980, 36 edições. E continuaram sendo editados até fim dos anos 1980, quando passaram de 60 edições, das quais 13 eram do terceiro volume. De Audemaro Taranto Goulart e Oscar Vieira da Silva, *Estudo Dirigido*, em 3 volumes, e *Estudo Orientado de Língua e Literatura*, também em 3 volumes, publicados pela Editora do Brasil, são os outros dois — o primeiro título recebia as seguintes diferenciações de acordo com o volume: *Estudo Dirigido de Gramática Histórica e Teoria da Literatura* (volume 1), *Estudo Dirigido de Literatura Portuguesa* (volume 2) e *Estudo Dirigido de Literatura Brasileira* (volume 3). Editados entre 1970 e 1975, os volumes do *Estudo Dirigido* somaram mais de 90 edições, dentre estas, a última encontrada do terceiro volume foi a 36^a, mas há referência a uma 38^a edição. Já os volumes do *Estudo Orientado* tiveram mais de 30 edições a partir de 1975, sendo a 12^a edição a última encontrada do terceiro volume. Quanto às tiragens, Goulart fornece números aproximados: “Lembro-me bem de que, por cerca de sete anos, o livro 1 vendia em torno de sessenta mil exemplares anuais, o 2 vendia cinquenta mil e o 3 quarenta mil.”²

Dos autores, Benemann era o mais experimentado, em 1971, contava 44 anos de idade. Gaúcho, formou-se em Letras Neolatinas na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, em 1952. “Foi Diretor do Colégio Estadual de Sapiranga e depois foi o primeiro Diretor do Ginásio Estadual de Estância Velha, duas cidades próximas de Novo Hamburgo, no Rio Grande do Sul.”³ Mudou-se para Porto Alegre e “lecionou Português no Colégio Estadual Protásio Alves,

2 Conforme entrevista por escrito concedida em 4 de janeiro de 2010.

3 Cf. para todas as citações desse parágrafo: entrevista por escrito concedida em 17 de setembro de 2009.

MACEDO, André. Do regionalismo ao modernismo: o caso “romancistas do Nordeste”. In: Revista **Falas Breves**, no.14, Breves-PA, junho de 2026. ISSN 23581069

de 1970 a 1980.” Segundo Cadore, foi como professor de Português que “ele se firmou e se inspirou para iniciar uma série de publicações didáticas, no início pela Editora Sulina e depois na Editora Ática de São Paulo”. Já Cadore, mais jovem, estava com 35 anos. Estudou na mesma universidade que Benemann, porém, mais de dez anos depois, pois se formou em 1964. Segundo seu relato, foi procurado, em 1972, por Benemann quando lecionava no Colégio Aparecida, de Bento Gonçalves: “e juntos iniciamos uma longa parceria na produção de livros didáticos, obras relativas ao ensino moderno da língua portuguesa”. O autor assinala ainda: “Nós fomos pioneiros no sentido de colocarmos a comunicação em primeiro lugar e depois a gramática, junto com a Professora Magda Soares de Minas Gerais, especialmente na coleção que fizemos para o Ensino Fundamental” — tratava-se de *Comunicação em Língua Nacional*. Cadore concluiu curso de Pós-graduação em Teoria Literária em 1978, também na PUC-RS e se declarou, dos dois, o mais atualizado: “Que eu me lembre, ele [Benemann] não fez muitos cursos além do Curso de Letras Neolatinas, na PUC-RS, formando-se em 1952. Para os conteúdos mais recentes, era eu o encarregado de participar de Encontros e Cursos Especializados. Por outro lado, ele era bom gestor de pessoas e contratos financeiros com os serviços editoriais.”

Goulart estava com 34 anos em 1970. Depois de fazer os cursos primário e secundário em Belo Horizonte, graduou-se em duas universidades da capital mineira: “Fiz o curso de Letras Anglo-germânicas na PUC Minas, tendo também cursado Direito na UFMG”⁴ — o primeiro foi concluído em 1963. Nos anos 1960, foi professor secundário de português em colégios belo-horizontinos (Academia de Polícia Militar de Minas Gerais, Colégio Arnaldo, Colégio Santo Agostinho). Depois disso, resume Goulart: “A partir de 1970, deixei o ensino na educação básica (com exceção da Academia da PMMG, onde me aposentei em 1993) para dedicar-me ao ensino superior, na PUC Minas”. E aí tornou-se “professor no curso de graduação de Letras e de mestrado e doutorado em Literaturas de Língua Portuguesa.” Assim, os anos 1970 representam uma mudança na trajetória profissional desse autor de livros didáticos. Além do fato de ter-se tornado professor universitário, foi dada, nesses anos, continuidade na formação literária, assim sintetizada pelo próprio Goulart: “No que se refere à pós-graduação, fiz a especialização em Teoria da Literatura, na PUC Minas, especialização em Administração universitária na Université du Québec, Mestrado em Literatura Brasileira, na UFMG e Doutorado em Teoria Literária e Literatura Comparada, na USP.”

4 Cf. para todas as citações desse parágrafo: entrevista por escrito concedida em 17 de setembro de 2009. MACEDO, André. Do regionalismo ao modernismo: o caso “romancistas do Nordeste”. In: Revista **Falas Breves**, no.14, Breves-PA, junho de 2026. ISSN 23581069

Dessa formação, apenas a especialização, realizada entre 1974 e 1976, deu-se no período que aqui nos interessa.

Silva, por sua vez, não concedeu entrevista por considerá-la desnecessária depois das respostas de Goulart. Assim, não foi possível reconstituir sua trajetória a partir de suas próprias palavras. Entretanto, o autor mantém um sítio na internet no qual registrou dados pessoais e sua produção intelectual.⁵ Sem indicar datas, informa que é “Bacharel e licenciado em Letras Neolatinas pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Santa Maria, da Universidade Católica de Minas Gerais”, “Bacharel em Direito pela Faculdade Mineira de Direito da mesma Universidade” e “Especializado em Literatura Brasileira pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais”. Também sem especificar as datas, resumiu sua atuação profissional: “Ex-chefe do Departamento de Letras e ex-professor de Literatura Brasileira da mesma Instituição” e “Ex- professor de Língua Portuguesa do Curso de Formação de Oficiais da Academia de Polícia Militar de Minas Gerais”. Goulart e Silva tiveram, assim, percursos de formação acadêmica e de atuação profissional muito parecidos, mas, em algum momento, Silva se afastou do ensino – em resposta ao pedido de entrevista, enviada por correio eletrônico, ele afirma que deixou de lecionar há muitos anos; atendendo a interesses da PUC-Minas, passou a tratar apenas de questões jurídicas. Ambos, em colaboração com Márcia Morais Teixeira de Sousa, escreveram ainda obra destinada ao 1º grau (5ª a 8ª série): *Comunicação, expressão e criatividade em português*, em 4 volumes, também publicado pela Editora do Brasil, em 1975.

Esses autores, com exceção de Benemann, estavam entre os últimos formados pela organização curricular de 1939 e, antes de elaborarem suas obras didáticas, passaram por anos de experiência docente na década de 1960. Entretanto, após formação na antiga grade curricular do curso superior, lecionaram em um momento no qual tiveram de enfrentar as instabilidades que se seguiram à promulgação da primeira LDB no cenário político-social brasileiro. Outro aspecto relevante, os conhecimentos adquiridos, por três deles, em nível de pós-graduação, foram posteriores às primeiras edições dos títulos didáticos ora em questão. Essa retomada dos estudos acadêmicos e literários, empreendida em um período de indefinições e reconfigurações, como veremos, deixou marcas na produção didática desses autores.

Os títulos didáticos e os três volumes

5 Cf. sítio na internet: <http://www.oscarvieira.com.br>

MACEDO, André. Do regionalismo ao modernismo: o caso “romancistas do Nordeste”. In: Revista **Falas Breves**, no.14, Breves-PA, junho de 2026. ISSN 23581069

Os volumes do *Estudo Dirigido* de Goulart e Silva, publicado no ano de 1970, embora não seguissem à risca o programa federal de 1951, eram norteados por ele. Assim, o volume 1 abarcava a gramática histórica, teoria da literatura e estilos de época. Os volumes 2 e 3, respectivamente, eram dedicados à história da literatura portuguesa e da literatura brasileira. Entretanto, os tempos eram outros. Mesmo vinculados à estrutura de um programa de quase vinte anos antes, os autores se viram na necessidade de igualar as proporções destinadas ao romantismo e ao modernismo no volume 3. Gramática histórica, de um lado, e teoria da literatura e estilos de época, de outro lado, tiveram, no volume 1, quase a mesma proporção. Mas isso não era o mais importante. Presos a uma estruturação retórico-poética na parte denominada *teoria da literatura*, Goulart e Silva eram forçados a iniciar suas abordagens com ressalvas e valiam-se de referências bibliográficas de teoria literária moderna.⁶ O mesmo se dava, de outra maneira, com os volumes do *Estudo Dirigido de Português* de Benemann e Cadore, que tiveram a publicação iniciada em 1972 e não seguiam nem se nortavam pelo programa de 1951.

Entre o lançamento e as edições dos anos 1980, os volumes passariam por três reformulações. Na primeira versão, o volume 1 privilegiava o estudo gramatical, que perfazia mais de quatro décimos das páginas e que dava título a todas as unidades. Enquanto os textos, em sua maioria crônicas seguidas de questões de *vocabulário* e *interpretação*, ficavam com três décimos do volume, as páginas destinadas ao estudo técnico de correspondência (carta comercial, correspondência oficial, ofício, requerimento) ocupavam a pequena parcela de um sétimo da obra — afinal, nesse volume era indicado na capa: “próprio para o ensino técnico” e um dos objetivos dos autores era a “ênfase ao estudo e à prática da redação oficial e comercial, visando à *habilitação profissional*, de que trata a nova Lei de Ensino de 11/8/1971 (Cap. I, art. 5º, § 2º)” (p. 5). Já o volume 2 era destinado ao estudo da literatura brasileira através de um método indutivo. Os autores destacavam nos *Esclarecimentos importantes* que visavam ao “aprimoramento da comunicação”,

6 Na conceituação de literatura, citavam autores como Aristóteles e Platão, mas, também, Fidelino de Figueiredo e Massaud Moisés, sem a indicação das obras, e concluíam: os conceitos desses dois últimos “têm, em comum, o fato de considerarem como literatura apenas a ficção ou supra-realidade.” (4ª ed., s. d., v. 1, p. 168). E ficção era entendida como “realidade deformada, ou seja, com outra forma, que varia de acordo com a maneira de ser de cada um, de acordo com a educação, com a vivência, com a sensibilidade” (ibid., p. 170). As primeiras palavras da exposição sobre prosa e poesia eram: “Em primeiro lugar, cumpre observar que, segundo RENÉ WELLEK (*Teoria da Literatura*), ‘na sua maioria a moderna teoria literária mostra-se inclinada a pôr de parte a distinção entre *prosa* e *poesia*’ [...]” (4ª ed., s. d., v. 1, p. 175). Assim, não restava dúvida, as palavras das exposições indicavam que a modernidade literária pedia passagem, desestruturava uma estrutura antiga, clássica.

MACEDO, André. Do regionalismo ao modernismo: o caso “romancistas do Nordeste”. In: Revista **Falas Breves**, no.14, Breves-PA, junho de 2026. ISSN 23581069

o qual deveria ser conseguido, entre outras características do “modo inovador” da obra, por meio de “*estudo dirigido* dos textos exaustivamente explorados” (4ª ed., 1974, v. 2, p. 5).

Havia, assim, fidelidade a uma ideia central do estudo dirigido: suprimir ou minimizar exposições, ideia particularmente valorizada no caso do ensino de literatura por colocar o estudante em contato com o próprio texto literário. Marisa Lajolo, contrapondo a obra de Benemann e Cadore a uma de Elia, valorizava francamente aquela dos gaúchos. Ela constatava que os exercícios de interpretação tinham a função de “levar o aluno a descobrir os aspectos significativos do texto a propósito do qual eles são formulados, de acordo com a prévia seleção que os autores fazem de tais aspectos.” (LAJOLO, 1975, p. 98). Devido a essas características, afirmava: “acreditamos que o aluno que tenha seus primeiros contatos com Literatura através do livro de Benemann e Cadore adquire uma concepção mais concreta do que seja um período literário; [...] os leitores de *Estudo Dirigido de Português* se deparam com estilos encarnados, nomeados e apreendidos através do manuseio de textos reais (ibid., p. 98).

No volume 2 desse *Estudo Dirigido de Português*, a décima quarta unidade intitulava-se “Modernismo”. O texto inicial era um poema de Manuel Bandeira, “Profundamente” — seguiam-se o estudo do *vocabulário* e as questões de *interpretação*. O *texto suplementar* era de Murilo Mendes, “O rato e a comunidade” — também seguiam-se *vocabulário* e *interpretação*. No que se referia ao modernismo, a primeira versão desse título didático restringia-se a isso, pois o volume 3 destinava-se apenas à literatura portuguesa: “Após a introdução sobre Literatura Brasileira que você teve no volume anterior, neste terceiro volume queremos proporcionar-lhe uma iniciação à Literatura Portuguesa” (1ª ed., 1973, v. 3, p. 6).

Reconfigurações do terceiro volume

Benemann e Cadore foram rapidamente levados a elaborarem outro volume 3. Segundo os *Esclarecimentos importantes* escritos pelos autores, o volume foi “completamente reformulado dentro da linha prática, objetiva e dinâmica dos anteriores” (4ª ed., 1976, v. 3, p. 5). E continuavam: “Nele, a *literatura moderna brasileira* é abordada através de textos cuidadosamente selecionados entre os autores mais representativos de cada movimento, num perfeito equilíbrio entre prosa e poesia” (ibid., p. 5, grifo nosso). Insistiam no método indutivo: “A assimilação das características da *moderna literatura nacional* dá-se de forma quase insensível” (ibid., p. 5, grifo nosso), pois era o estudante que “exaustivamente” explorava os textos. O novo volume, de fato, era todo preenchido pela literatura brasileira do século XX. Nele, a oitava unidade tratava de excertos de *Banguê* e de *S. Bernardo*, com *vocabulário* e *interpretação e análise literária* — havia ainda um *roteiro de pesquisa literária* sobre o *Movimento Regionalista*. A nona unidade tratava

MACEDO, André. Do regionalismo ao modernismo: o caso “romancistas do Nordeste”. In: Revista **Falas Breves**, no.14, Breves-PA, junho de 2026. ISSN 23581069

de excertos de *A morte e a morte de Quincas Berro D'água* e havia um roteiro de pesquisa literária sobre a *Ficção moderna* — ainda nessa unidade havia excerto de *Um certo capitão Rodrigo*, de Érico Veríssimo⁷. Voltaremos a essas duas unidades.

Esse título didático, por sua vez, *Estudo Orientado de Língua e Literatura*, de Goulart e Silva, publicado pela Editora do Brasil a partir de 1975, foi uma tentativa de atualização da obra anterior dos autores, publicada pela primeira vez seis anos antes. No volume 1, foi excluída a parte de estilos de época e entrou uma parte de gramática normativa — esta passava a preencher um sétimo das páginas. Por sua vez, a parte de teoria da literatura foi modernizada e expandida, passou de menos de um quinto no antigo volume para quase metade das páginas desse novo volume — e é preciso salientar que parte da teoria do antigo volume 1 foi deslocada para o novo volume 2. As exposições teóricas do novo volume 1 diferenciavam texto teórico de texto técnico: “podemos dizer que o texto técnico vale-se eminentemente da linguagem denotativa, enquanto o texto literário faz amplo e intencional uso da linguagem conotativa.” (s/ ed., 1976, v. 1, p. 58). A ideia de conotação servia para explicar o que eles chamavam de linguagem plurissignificativa da literatura. Após serem citadas obras de autores como Aguiar e Silva, Ezra Pound, Luiz Costa Lima e Massaud Moisés, tomava um conceito de literatura deste último em *A criação literária*: “que representa uma síntese de tudo quanto dissemos: ‘Literatura é a expressão dos conteúdos da ficção, ou da imaginação, por meio de palavras de sentido múltiplo e pessoal.’” (ibid., p. 67). Assim, Goulart e Silva estavam definitivamente nos domínios da teoria literária moderna, e o capítulo sobre “O texto em prosa” não deixava dúvida. Abordavam quase que somente o romance. O propósito dos autores era explicar como ler um romance.⁸

Quanto a parte referente aos estilos de época, foi simplesmente deslocada do antigo volume 1 para o novo volume 2 — perfazendo um terço da obra. A história da literatura portuguesa foi reduzida a “As raízes portuguesas da literatura brasileira” — com dois períodos: medieval e renascimento — preenchendo um espaço considerável de três décimos do volume. Duas partes

7 Os três volumes de Benemann e Cadore circulariam com essa nova versão até o final da década de 1970 e passariam a enfrentar, na segunda metade desta década, a concorrência de livros didáticos como aqueles de Douglas Tufano e o de Heitor Megale e Marilena Matsuoka.

8 Para tanto, dividiram a exposição em: 1) ação; 2) lugar; 3) tempo (havia um subtópico romance de tempo cronológico x romance de tempo psicológico); 4) personagens (tratava de planas e esféricas); 5) trama (havia um subtópico trama e verossimilhança); 6) ponto de vista; 7) romance aberto e romance fechado; 8) romance monofônico e romance polifônico.

MACEDO, André. Do regionalismo ao modernismo: o caso “romancistas do Nordeste”. In: Revista **Falas Breves**, no.14, Breves-PA, junho de 2026. ISSN 23581069

pequenas eram novidades, uma de gramática (um sétimo das páginas) e outra de redação oficial (meio décimo). Assim, o volume procurava se adaptar à nova configuração do ensino de literatura: profissionalizante, gramatical (normativo) e abasileirado — a literatura portuguesa, no que concernia ao ensino de segundo grau, estava em processo de redução, pois interessava apenas como “as raízes”. No caso do livro didático de Benemann e Cadore, como vimos, a literatura portuguesa foi simplesmente substituída pela literatura brasileira do século XX. Goulart e Silva tentaram um caminho diferente.

O volume 3 de *Estudo Orientado de Língua e Literatura*, quando comparado ao mesmo volume do *Estudo Dirigido de Literatura Brasileira*, ampliou consideravelmente a unidade “Modernismo no Brasil”, que passou a ocupar mais de um terço das páginas. Também foi incluída uma nova parte de gramática — pequena, preenchia apenas um sétimo da obra. Além disso, mais um sinal das mudanças exigidas pelos novos tempos, os autores fizeram uma curiosa inversão. Em vez de o modernismo ser a última unidade da parte de literatura, era a primeira. O restante da história da literatura brasileira dispunha-se em ordem, a segunda unidade tratava do barroco e a sétima, do simbolismo. Houve, no modernismo, uma expansão dos escritores abordados: Oswald de Andrade, João Cabral de Melo Neto, José J. Veiga e Murilo Rubião não eram individualmente tratados no antigo volume 3. Essa foi a forma encontrada pelos autores do livro didático para colocar em evidência a literatura brasileira do século então em curso.

Apesar disso, entretanto, no que se refere aos escritores visados nessa abordagem, contraditoriamente, houve uma redução. No volume 3 de *Estudo Dirigido de Literatura Brasileira*, havia apenas duas páginas de exposição sobre “Modernismo no Brasil”. E essas duas páginas ainda incluíam o pré-modernismo, considerado um “período de transição” que “não chegou a constituir um estilo” (3ª ed., s. d., v. 3, p. 125). O marco desse período foi a publicação de *Os Sertões*, “livro que vem despertar nossos autores para uma realidade brasileira profundamente triste e miserável, dando-lhes um retrato do Brasil muito diferente daquele que eles até então tinham pintado” (3ª ed., s. d., v. 3, p. 125). O restante da exposição, contudo, dedicava-se à poesia. Para Goulart e Silva, o movimento modernista “teve, antes de tudo, um caráter revolucionário” (ibid., p. 125). Uma primeira fase seria de destruição, os poetas queriam “a liberdade de criação; desprezavam a rima e a métrica, a linguagem tradicional e as fórmulas sedições” (ibid., p. 125). A segunda fase, iniciada por volta de 1930, era “o momento de construção da nova estética” (ibid., p. 125). E, por fim, uma terceira fase se inicia por volta de 1945, seria a fase de “um apuramento formal bastante acentuado, que tivera começo no período anterior, opondo-se à pouca ou nenhuma preocupação com a forma dos primeiros

representantes da escola” (ibid., p. 125). Depois disso, havia biobibliografias, com excertos e questões de *compreensão de texto*, de Monteiro Lobato, Mário de Andrade, Graciliano Ramos, Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade e Guimarães Rosa. Na sequência, uma “Antologia” ocupava quase três décimos do volume. Jorge Amado e José Lins do Rego tiveram excertos incluídos — trataremos deles adiante.

Do regionalismo ao modernismo

No volume 3 de *Estudo Orientado de Língua e Literatura*, como já observamos, a unidade “Modernismo no Brasil” foi consideravelmente ampliada, ilustrações a permeavam (reproduções de quadros de Anita Malfatti e caricaturas de publicações da época da *Semana de Arte Moderna*). Entretanto, os autores do livro didático mantiveram a mesma linha interpretativa. Assim, os dois primeiros parágrafos sintetizavam:

Sem dúvida, é o Modernismo o mais significativo momento da literatura brasileira, uma vez que nele vai surgir uma produção literária genuinamente brasileira, sem influências europeias, livre de toda peia que, nos movimentos anteriores, era apenas dissimulada, com o colorido verde-amarelo. De um modo geral tem-se dividido o Modernismo em fases. A primeira vai de 1922 a 1928: é esta uma fase de ruptura, de franca hostilidade àquilo que se considerava acadêmico, clássico ou tradicional. A segunda estende-se de 1928 a 1945: neste período, passados os exaltados momentos de oposição, os autores modernistas buscaram construir uma nova estética sobre os escombros da destruição anterior. Uma preocupação com o homem e seus problemas já conota a literatura de feição universalista e urbana que começava a se estabelecer. A terceira fase, iniciada a partir de 1945, caracteriza-se pela pesquisa estética. É um período que vai experimentando mudanças importantes a cujo desenrolar assistimos ainda. (3ª ed., 1976, v. 3, p. 13)

Além disso, a exposição continuava restrita apenas à poesia: “No segundo momento, o que se nota é já uma preocupação que os poetas têm de alcançar uma originalidade, desvestindo-se do tom polêmico e iconoclasta que caracterizou a primeira fase.” (3ª ed., 1976, v. 3, p. 25). Mas dessa vez Goulart e Silva reconheciam a exclusividade dada à poesia e observavam que julgavam ser mais conveniente quanto à prosa “focalizar suas características no estudo individual que será feito sobre alguns autores”, pois “a sistematização de um estudo amplo sobre a narrativa implicaria num prolongamento pouco proveitoso para as características desse trabalho” (ibid., p. 26). No final das contas, com esse procedimento, acabaram se limitando a biobibliografias de apenas dois literatos estritamente prosadores: Graciliano Ramos e Guimarães Rosa. A esses juntaram, no *Estudo*

Orientado, José J. Veiga e Murilo Rubião. Convém citar toda a abordagem sobre Graciliano Ramos, como assinalado, idêntica nos dois volumes:

Graciliano Ramos pertence à geração que, por volta de 1930, escreveu as obras que se prenderam ao nordeste brasileiro e que constituem o que se convencionou chamar “romance nordestino”.

Sua obra de ficção, de caráter social, lhe dá lugar de maior destaque entre os autores brasileiros que se dedicam a esse tipo de romance.

A produção literária de Graciliano Ramos caracteriza-se, principalmente, pela ausência de qualquer tipo de concessão ao romanesco, ao inautêntico ou idealizado; é antes uma obra quase brutal, em que o nordeste e o sofrimento do nordestino são apresentados com o maior realismo.

Estreia em 1933 com o romance *Caetés*, a que se seguem *São Bernardo*, *Vidas Secas*, *Angústia* e *Memórias do Cárcere*.

Nota-se, no romance do autor alagoano, além da preocupação com a paisagem, com a vida exterior descrita com exatidão e propriedade, uma atenção acentuada com a paisagem interior do homem que descreve.

Apesar de autor modernista, Graciliano Ramos afasta-se, em alguns pontos, dos autores do mesmo grupo. Enquanto, normalmente, os escritores da geração moderna, de que fazia parte, descuravam da língua, Graciliano, explorando os recursos que ela lhe oferece e manejando-a com domínio, nunca caiu em exageros dos que negavam inteiramente o valor da gramática e a importância da perfeição formal na prosa de ficção. (3ª ed., 1976, v. 3, p. 137)

Consideramos que, nessa citação e nas exposições sobre o modernismo, Goulart e Silva, em ambos os títulos didáticos, diferenciando-se das exposições dos livros didáticos das décadas anteriores, empreendiam, embora de forma confusa, a integração da literatura brasileira através do tempo: “as fases”. O esquema interpretativo da literatura brasileira do século XX era temporal: o modernismo e suas fases, precedido pelo “transicional” pré-modernismo. A dimensão regional, entretanto, ainda preponderava na abordagem sobre Graciliano Ramos. Como é possível ler acima, as obras “se prenderam ao nordeste brasileiro”, “é antes uma obra quase brutal, em que o nordeste e o sofrimento do nordestino são apresentados com o maior realismo”, há nela “preocupação com a paisagem”. Apesar dessa preponderância, era sucintamente mencionado o “caráter social” da ficção e a “atenção acentuada com a paisagem interior do homem que descreve”. Também eram mencionados aspectos formais, como a descrição exata, o domínio da língua, sem exageros, dando importância à “perfeição formal na prosa de ficção” — o que o diferenciava de alguns modernistas.

Seguia-se à biobibliografia todo o primeiro capítulo de *Vidas Secas*, “Mudança”. Tratava-se, portanto, da entrada no romance, o leitor é lançado na caminhada de retirantes, de seis viventes: “Na planície avermelhada os juazeiros alargavam duas manchas verdes. Os infelizes tinham caminhado o dia inteiro, estavam cansados e famintos.” (3ª ed., 1976, v. 3, p. 56). Aqui, mais que

indicar o teor do excerto, é mais importante assinalar o que consideramos ter sido perspicácia dos autores do livro didático ao selecionar uma unidade completa da obra literária e justamente o primeiro capítulo. Caso os estudantes decidissem ler o romance na íntegra, já estariam inseridos naquele universo ficcional.

As questões postostas ao excerto também permaneceram idênticas nos dois volumes. No *Estudo Dirigido*, recebiam o título de *Compreensão do texto*; no *Estudo Orientado*, não receberam nenhum título. Tais questões reforçavam a ênfase na dimensão regional através de aspectos formais. Por exemplo: “De que recursos se vale o autor para dar a cor local à sua narrativa?” (3ª ed., s. d., v. 3, p. 144; 3ª ed., 1976, v. 3, p. 60); “Que pormenores criam o pano de fundo em que se projeta a tragédia do nordestino?” (3ª ed., s. d., v. 3, p. 145; 3ª ed., 1976, v. 3, p. 61). Uma questão, entretanto, dizia: “Nota-se, por parte do autor, preocupação em tratar de um problema social? Explique.” (3ª ed., s. d., v. 3, p. 144; 3ª ed., 1976, v. 3, p. 61).

No *Estudo Dirigido de Literatura Brasileira*, entre um excerto de *Os Sertões*, de Euclides da Cunha, e de *Vila dos Confins*, de Mário Palmério, estavam aqueles de Jorge Amado e de José Lins do Rego. O excerto do primeiro pertencia ao romance *Gabriela, Cravo e Canela*. O romance é considerado o marco inicial da fase menos política do escritor. Entretanto, questões político-sociais continuam salientes nessa obra cuja construção da protagonista Gabriela, uma retirante que se casa com um comerciante, diz respeito à discussão de convenções sociais. E era justamente isso que explorava o excerto: todo o capítulo “A pastora Gabriela ou da senhora Saad no ‘Réveillon’”. Goulart e Silva mais uma vez tomaram o cuidado de inserir uma unidade inteira. O capítulo tratava da tensão de Gabriela, dividida entre as exigências de desempenhar o papel social de esposa de Nacib e o desejo de sair com o terno pelas ruas, levando o estandarte do Menino Jesus. Assim se iniciava o excerto: “O que vai dizer minha irmã, a besta do meu cunhado?” Não, Gabriela, como poderia Nacib consentir? Jamais poderia. E com aquilo da irmã, ele tinha razão.” (3ª ed., 1976, v. 3, p. 196). O casal participa da “festa dos ricos” e, ao fim desta, Gabriela ouve os apitos das pastoras que dançavam, não resiste: “Gabriela calçou os sapatos, correu para a frente, arrancou o estandarte das mãos de Miquelina. Seu corpo rolou, suas ancas partiram, seus pés libertados a dança criaram. O terno marchava, a cunhada exclamou: ‘Oh!’” (ibid., p. 204). Nacib quase chorou, mas o episódio terminou bem, todos seguiram Gabriela: “O baile inteiro na rua a brincar.” (ibid., p. 205). Já o excerto de José Lins do Rego foi intitulado, por Goulart e Silva, “Religião do Engenho”. Era quase todo o capítulo 17 do romance *Menino de Engenho*. O narrador fala do quarto dos santos que havia no engenho e das formas de experiência com a religião católica, a do avô e a sua própria: “A não ser a Tia Maria, que me ensinava o Padre-Nosso, ninguém ali me falava de catecismo. A religião que eu tinha, vinha ainda das conversas com a minha mãe.” (ibid., p. 206-

207). É interessante registrar que houve a supressão moralizante do seguinte trecho, apenas mais um aspecto, jocoso até, da perspectiva infantil do protagonista: “Mas o nosso menino [Jesus], vestido de manto azul estrelado, trazia por debaixo de suas vestes uma rolinha bicuda de criança. E nós levantávamos o manto de quando em vez, espantados que a gente do céu também precisasse daquelas coisas.” (REGO, 1987, v. 1, p. 80). Questões para a compreensão dos excertos ficavam a cargo dos professores, não havia nenhuma.

Graciliano Ramos, José Lins do Rego e Jorge Amado foram, justamente, os escritores que tiveram excertos colocados para estudo no novo volume 3 de *Estudo Dirigido de Português*, de Benemann e Cadore. Este novo volume possuía uma estruturação das unidades muito semelhante à do volume 2, entretanto, consideramos que os autores procuraram introduzir melhorias. No volume 3, as unidades não recebiam título e apenas a metade delas contava com uma breve introdução anteposta ao primeiro texto. Tais introduções não chegavam a suprir a ausência de exposições sobre a história da literatura brasileira — do século XX, neste caso —, apontada no que concernia às unidades do volume 2. Todavia, Benemann e Cadore ampliaram no volume 3 a *Pesquisa literária*. Esta passou de apenas perguntas seguidas de referências bibliográficas para um *Roteiro de pesquisa literária*. Havia um total de treze roteiros e era através deles que os autores do livro didático faziam uma narrativa mínima da história da literatura brasileira do século XX, colocavam questões para pesquisa e forneciam referências bibliográficas. Dessa forma, por meio desses roteiros é possível compreender a estruturação que foi dada ao volume. Os treze roteiros de pesquisa literária foram assim intitulados: 1) Comunicação e linguística; 2) Introdução ao modernismo brasileiro; 3) Modernismo e poesia; 4) Movimento primitivista; 5) Gêneros literários; 6) Movimento espiritualista; 7) Movimento regionalista; 8) Ficção moderna; 9) Romance novo; 10) Poesia nova; 11) Estudo do conto; 12) Estudo da crônica; 13) Literatura e as formas simples. Esses roteiros estavam em consonância com os textos estudados em cada uma das unidades. A parte expositiva deles, que constituía aquilo que podemos designar por narrativa mínima da história da literatura brasileira do século XX, e as questões colocadas enfatizavam as obras dos escritores estudados. Assim, a narrativa mínima poderia ser expandida, a decisão de encaminhar a pesquisa proposta pelo roteiro cabia aos professores. Os roteiros, como é perceptível pelos títulos, eram organizados cronologicamente. Até mesmo os que pareciam temáticos (romance novo, poesia nova, estudo do conto, etc.) obedeciam ao critério temporal — apenas o último roteiro era exceção. Entretanto, o texto das narrativas mínimas demonstrava que os autores do livro didático não seguiam completamente o critério, além disso, não é possível identificar a definição por uma linha

interpretativa entre os muitos autores das referências citadas. Estas registravam desde obras que se tornavam aos poucos referências básicas como *Presença da Literatura Brasileira*, de Candido e Castello, e *História Concisa da Literatura Brasileira*, de Alfredo Bosi, até autores menos citados como Assis Brasil, autor de ensaios sobre Guimarães Rosa e Adonias Filho. As referências passavam também por autores que perdiam espaço, como Alceu Amoroso Lima, autor de *A evolução do conto no Brasil*, e Sílvio Elia, organizador da *Seleta em prosa e verso de Augusto Frederico Schmidt*. Por outro lado, até um autor como Tzvetan Todorov foi referência pela obra *As estruturas narrativas* — Todorov, segundo um dos roteiros, era um dos “modernos críticos literários” (4ª ed., 1976, v. 3, p. 105). Tudo isso fica mais compreensível quando nos debruçamos sobre as unidades que tratavam dos romancistas que especificamente nos interessam nessa abordagem.

A oitava unidade trazia em seu início um excerto do romance *Banguê*, com esse mesmo título. Trata-se do primeiro capítulo da primeira parte (“O velho José Paulino”), mas foi feito um corte. Dessa forma, foi inserida a parte inicial e a parte final do capítulo. O excerto, já que primeiro capítulo, é a entrada no romance. Carlos de Melo inicia a exposição do seu estranhamento ao voltar para o engenho e o choque com o modo de vida do avô, caracterizado como trabalhador, sempre preocupado com as coisas do engenho, que levanta de madrugada, que verifica o estado de tudo todo o tempo. Carlos é o bacharel advogado, o letrado que não foi educado para tomar conta de engenho e se sente deslocado. Uma frase do avô sintetiza isso: “O que ele quer é rede e jornais.” (4ª ed., 1976, v. 3, p. 129). Como o primeiro plano das unidades da obra de Benemann e Cadore era o texto e seu estudo, convém observar que as questões de *vocabulário* que se seguiam eram de verificação e confrontação de significados (localizar o significado de palavras, localizar a partir de palavra dada a equivalente no excerto, assinalar o significado igual ao da palavra que aparece no texto). As questões de *Interpretação e análise literária*, por sua vez, eram todas de um nível básico. Entre catorze, nove eram de múltipla escolha e uma pedia para completar lacunas. As de múltipla escolha pediam para identificar coisas bastante simples no texto. As dissertativas não eram muito complexas, exemplo: “8. Carlos era indiferente à sua condição de herdeiro? Justifique sua resposta.” Outra pedia para explicar o significado conotativo de “... nas noites em que ia olhar o relâmpago nas cabeceiras” (ibid., p. 132).

O segundo excerto dessa unidade foi extraído de *São Bernardo*, o segundo romance de Graciliano Ramos. Recebeu o título de “Negócios do sertão”, dado pelos autores do livro didático. Trata-se da parte final do terceiro capítulo. Paulo Honório narra o caso do Dr. Sampaio. Este comprou uma boiada do protagonista e queria fugir da dívida. Assim, o excerto iniciava-se em: “A princípio o capital se desviava de mim, e persegui-o sem descanso...”; e ia até o final do capítulo, concluído com um elogio de Casimiro Lopes, um dos acompanhantes na cilada para capturar o Dr. Sampaio: “É corajoso, laça, rasteja, tem faro de cão e fidelidade de cão.” (ibid., p. 135). O Dr. Sampaio representava o capital – ironicamente – fugidio, mas Paulo Honório laça o doutor quando este voltava para sua fazenda: “Amarrei-o, meti-me com ele na capoeira, estraguei-lhe os couros nos espinhos dos mandacarus, quipás, alastrados e rabos-de-raposa.” (ibid., p. 134). O prisioneiro suplicou: “sacudiu-me a justiça e a religião” (ibid., p. 134). Para o protagonista, não havia justiça nem religião: “Ou paga ou eu mando sangrá-lo devagarinho.” (4ª ed., 1976, v. 3, p. 134). Seguiam-se ao excerto apenas duas questões de *vocabulário*. A primeira pedia para relacionar expressões consideradas regionais com o seu significado. O enunciado dizia: “A linguagem de Graciliano Ramos retrata a realidade regional. Relacione, então, as colunas explicando as expressões típicas” (ibid., p. 135). A segunda era mais complicada que aquelas relativas ao excerto de *Banguê*, pois invertia o mais habitual, pedia para relacionar o significado com a palavra. Das também catorze questões de *Interpretação e análise literária*, dez eram de múltipla escolha. A mesma linha de análise básica foi mantida. Um exemplo de questão dissertativa: “8. Qual o objetivo do sequestro do Dr. Sampaio?” (ibid., p. 137).

Já a nona unidade era uma das que tinham uma breve introdução:

Como? Duas mortes para o mesmo Quincas? Pois é isto mesmo. Segundo o relato do povo de que Jorge Amado se valeu para fazer essa novela do mesmo nome, Quincas morreu e foi velado na casa de sua irmã. Os amigos desse velho marinheiro estavam a sós no velório. Pois ele, segundo se conta, levantou-se e foi participar de uma peixada no saveiro. Ele que jurara morrer no mar, cumpriu finalmente seu juramento... ou, pelo menos, é o que se acredita. (4ª ed., 1976, v. 3, p. 148)

Assim, os autores situavam o excerto da estória, fantástica, de Quincas Berro D'Água, narrativa inclusa na obra *A morte e a morte de Quincas Berro D'Água*. O morto, Quincas, estava em um velório convencional, com a família. Os amigos que viviam com ele na rua, depois de Quincas ter abandonado a família, aparecem no velório e o levam embora. O excerto é do momento em que Quincas já está no mar e começa uma tempestade. Esta seria a ocasião da sua segunda

morte, e da maneira prometida. Quincas se joga no mar. Inicia-se em: “Quincas não respondia, aspirava o ar marítimo”. Termina em: “Quincas ficara na tempestade, envolto num lençol de ondas e espuma, por sua própria vontade.” (4ª ed., 1976, v. 3, pp. 148-149). Aqui as questões de *vocabulário* seguiram a mesma linha daquelas do excerto de *Banguê*. Havia, nas dez questões de *Interpretação e análise literária*, sete de múltipla escolha (incluindo nestas as de verdadeiro ou falso). Algumas questões chegavam a um nível médio de dificuldade.

Os roteiros de pesquisa literária dessas duas unidades eram intitulados *Movimento Regionalista e Ficção Moderna*. O primeiro deles, posposto aos excertos de *Banguê* e *São Bernardo*, abordava os escritores que aqui abordamos como “romancistas do nordeste”. Depois de um primeiro parágrafo no qual o I Congresso Brasileiro de Regionalismo era mencionado como a origem do Movimento Regionalista, uma “espécie de reação ao Modernismo Carioca-Paulista” (4ª ed., 1976, v. 3, p. 138), a exposição assim tratava dos escritores e suas obras:

A chamada “Literatura do Nordeste” teve já seu começo em Franklin Távora, com *O Cabeleira* (1976) e *O Bom Crioulo* (1895), de Adolfo Caminha. Mais recentemente, com Joaquim Cardozo, Manuel Bandeira, Jorge de Lima, Ascenso Ferreira, na poesia; Luiz Jardim, José Américo de Almeida, José Lins do Rego e Graciliano Ramos, na ficção. Este último, junto com Jorge Amado e outros, não participou do Movimento Regionalista e Tradicionalista, dinamizado por Gilberto Freyre, mas, por seus romances apresentarem o drama humano causado pelo Nordeste duro e fatal, pode ser incluído entre aqueles autores que procuraram: a. dedicar amor à terra e ao homem; b. cultivar e valorizar as tradições nordestinas; c. criar uma nova linguagem, próxima da região; d. congregar os bons elementos da inteligência nordestina; e. editar uma nova revista de alta cultura “O Nordeste” (cp. Manifesto Regionalista de 1926). (4ª ed., 1976, v. 3, p. 138)

Esse enfoque, como se sabe, dizia mais respeito a certa aproximação entre a obra de José Lins do Rego e aquela do autor de *Casa Grande & Senzala*. Por outro lado, como a própria exposição ressalta, Graciliano Ramos e Jorge Amado não realizaram essa aproximação. Ambos seriam regionalistas por “seus romances apresentarem o drama humano causado pelo Nordeste duro e fatal” (4ª ed., 1976, v. 3, p. 138). Entretanto, contraditoriamente, as questões 6 e 7 do roteiro abriam a possibilidade de outra interpretação para as obras do autor de *São Bernardo* e dos outros romancistas: “6. Graciliano Ramos, dá, em sua prosa enérgica, sintética e neorrealista, *a medida telúrica do homem como ser e como predestinado pela fatalidade*. Comente este aspecto depois de ler *Vidas Secas*.” (ibid., p. 139, grifo nosso). Esse “como ser” antecipava a questão seguinte: “7. A classificação de escritores dentro do ‘regional’ exclui a dimensão universal? Fundamente sua resposta.” (ibid., p. 139).

Considerações finais

Todo esse processo evidencia a mescla realizada pelos autores dos livros didáticos entre o critério temporal que estruturava as unidades e o que podemos considerar resquício da oposição Nordeste/Sul, o esquema interpretativo de base regional, proveniente de décadas anteriores. Aqui já está em operação o novo esquema interpretativo da literatura brasileira na primeira metade do século XX: o modernismo e suas fases.

As fases do modernismo e o “como ser” – humano e social, demasiado humano e social, que também encontramos, por exemplo, em romances como *Fogo Morto* (REGO, 1987), *Terras do sem fim* e *Capitães da areia* (AMADO, 1970) – levavam a um questionamento da classificação através do critério regional, afinal, a questão maior, como surge em um excerto de *S. Bernardo*, é a perseguição do capital (RAMOS, 1961).

Assim, os livros didáticos, quase quarenta anos depois, passavam a ajustar os termos e a desvendar a contemporaneidade e a dimensão literária do escritor alagoano e dos demais “romancistas do nordeste”. É interessante notar que as obras desses escritores passaram por um processo que seria repetido, nos livros didáticos, por aquelas do gaúcho Dyonélio Machado – que se junta no período a Érico Veríssimo –, mas não por aquelas do paraense Dalcídio Jurandir.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMADO, Jorge. *Obras de Jorge Amado*. S. Paulo: Livraria Martins Editora, 1970, 18v.

BENEMANN, Jacob Milton; CADORE, Luís Agostinho. *Estudo Dirigido de Português*. São Paulo: Editora Ática, 1972-1984, 3v.

CHERVEL, André. História das disciplinas escolares: reflexões sobre um campo de pesquisa. *Teoria & Educação*, Porto Alegre, nº 2, pp. 177-229, 1990

CHOPPIN, Alain. História dos livros e das edições didáticas: sobre o estado da arte. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 30, n. 3, pp. 549-566, set./dez. 2004.

MACEDO, André. Do regionalismo ao modernismo: o caso “romancistas do Nordeste”. In: Revista **Falas Breves**, no.14, Breves-PA, junho de 2026. ISSN 23581069

_____. O historiador e o livro escolar. *História da Educação*. Pelotas, v.6, n.11, abr. 2002, p. 5-24

GOULART, Audemaro Taranto; SILVA, Oscar Vieira da. *Estudo Dirigido*. São Paulo: Editora do Brasil, 1975, 3v.

_____. *Estudo Orientado de Língua e Literatura*. S. Paulo: Editora do Brasil, 1976, 3v.

LAJOLO, Marisa. “Regionalismo e história da literatura: quem é o vilão da história?” In: *Historiografia brasileira em perspectiva*. 6. ed. S. Paulo: Contexto, 2005, p. 297-327

_____. No Jardim das Letras, o pomo da discórdia. In: *BOLETIM 3/4*. Porto Alegre: Associação de Leitura do Brasil, 1988, p. 10-27

_____. *Teoria literária moderna e ensino de literatura no segundo grau do curso secundário brasileiro*. São Paulo: Mestrado, FFLCH/USP, 1975.

RAMOS, Graciliano. *Obras completas*. São Paulo: Martins, 1961, 11v.

REGO, José Lins do. *Ficção completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1987, 2v.

MACEDO, André. Do regionalismo ao modernismo: o caso “romancistas do Nordeste”. In: Revista **Falas Breves**, no.14, Breves-PA, junho de 2026. ISSN 23581069